

No corpo e na alma: as crianças de Auschwitz

DENISE ROLLEMBERG (UFF)

RESUMO

O artigo examina os dilemas vivenciados por crianças e adolescentes deportados para Auschwitz ou nascidos no campo, sobre os quais há fontes testemunhais. O texto analisa a narrativa de uma exposição temporária organizada no Memorial da Resistência Alemã, em Berlim, no ano de 2015, comemorativa dos 70 anos da libertação do campo de extermínio. A citada exposição, intitulada “Nunca esqueça seu nome: as crianças de Auschwitz”, baseou-se nas informações do livro homônimo de Alwin Mayer (*Vergiss deinen Namen nicht. Die Kinder von Auschwitz*, 2015), ambas ilustrativas do tema, com sólida informação, porém desprovidas de análise crítica. Analisar a experiência destes sobreviventes, seja no campo, seja depois da libertação, é o objetivo principal deste artigo, teoricamente inspirado no conceito de zona cinzenta presente na obra de Primo Levi.

PALAVRAS-CHAVE

memória; Holocausto; testemunho; zona cinzenta; Auschwitz; Primo Levi.

ABSTRACT

The article examines the dilemmas experienced by children and adolescents deported to Auschwitz or born in the camp, about which there are testimonial sources. The text analyzes the narrative of a temporary exhibition organized at the German Resistance Memorial, in Berlin, in 2015, commemorating the 70th anniversary of the liberation of the extermination camp. The mentioned exhibition, entitled “Never forget your name: the children of Auschwitz”, was based on information from the book of the same name by Alwin Mayer (*Vergiss deinen Namen nicht. Die Kinder von Auschwitz*, 2015), both illustrative of the theme, with solid information, but without critical analysis. Analyzing the experience of these survivors, whether in the camp or after the liberation, is the main objective of this article, theoretically inspired by the concepts of the gray zone present in Primo Levi’s works.

KEYWORDS

memory; Holocaust; witness; grey zone; Auschwitz; Primo Levi.

No corpo e na alma: as crianças de Auschwitz

DENISE ROLLEMBERG (UFF)

Nascer é receber de presente o mundo inteiro.

Jostein Gaarder

Quando li essa frase, que nos ilumina de felicidade e esperança, estava escrevendo esse artigo. Foi inevitável não lembrar de Hurbinek. Certamente o premiado escritor norueguês, autor de *O mundo de Sofia*, pensava na grandeza desse momento único. Hurbinek provavelmente nasceu em Auschwitz. O mundo que ganhou nada tinha de sublime. Nasceu entre muros, dentro dos quais só havia horror, sem nome, pai, mãe e o legado que deles receberia. Não falou, porque não teve idioma. Morreu pouco depois da libertação do campo, “liberto, mas não redimido” (Levi, 1997).

Se Hurbinek só conheceu aquele mundo, por meio do testemunho de Primo Levi, o mundo conheceu Hurbinek.¹

Crianças em cena

Este artigo aborda a narrativa presente na exposição temporária “Nunca esqueça seu nome: as crianças de Auschwitz”, que teve lugar no Memorial da Resistência Alemã, em Berlim, por ocasião dos 70 anos da libertação do campo, em 2015. Assinada por Alwin Meyer², com o apoio do setor de pesquisa do Memorial³, a exposição também lançou o livro do jornalista, de mesmo título, traduzido do alemão para o inglês, em 2022 (2015 e 2022).

1. Nas palavras de Primo Levi, “nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras” (Levi, 1997: 31).

2. Alwin Meyer nasceu em Cloppenburg, Baixa Saxônia, Alemanha, em 1950.

3. “Uma exposição do Comitê Internacional de Auschwitz em cooperação com o Memorial da Resistência Alemã, o Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau (Polônia) e o Centro Internacional de Encontros Juvenis de Oświęcim/Auschwitz (Polônia)”. Cf. site do Memorial da Resistência Alemã: www.gdw-berlin.de/en/home/. O Memorial da Resistência Alemã é dirigido pelo historiador Johannes Tuchel.

Meyer entrevistou em diferentes momentos e conjunturas históricas, entre 1978 e 2012, em distintos países (Polônia, Israel, Ucrânia, Bielorrússia, Hungria, República Checa, Eslováquia [Tchecoslováquia], Alemanha, EUA e Suíça) 43 sobreviventes que nasceram no campo ou eram crianças quando deportados com suas famílias.⁴ Os depoimentos dizem respeito também a vivências dessas crianças e famílias em outros campos, uma vez que muitas dentre elas passaram por vários deles até chegarem a Auschwitz-Birkenau. O maior campo de extermínio, instalado nos arredores de Oświęcim, perto de Cracóvia, parece ser, então, o emblema do sistema concentracional que abarcava mais de 40 mil estabelecimentos, incluindo os campos de concentração.⁵ Os ocupantes estrangeiros renomearam a cidade, dando-lhe um nome alemão, Auschwitz, que ficou conhecido mundialmente.

A exposição, assim como o livro de Meyer, tratou do assunto por meio das histórias de vida, abordando a realidade antes da e na deportação, no campo, no momento da libertação e nos anos e as décadas seguintes, quando crianças, adolescentes e jovens tiveram que lidar com o legado dessa vivência. Nos painéis, lemos sobre os dramas pessoais e familiares; vemos as fotos dos sobreviventes em vários momentos de suas vidas: antes da deportação, logo depois da libertação, ainda na infância, na adolescência, na fase adulta e, enfim quando idosos. As fotos dão rostos às crianças alegres em um mundo (ainda) sem Auschwitz, sensibilizando o visitante que sabe os rumos que suas vidas tomaram. Por outro lado, as fotos desses sobreviventes em família, com as famílias adotivas e com seus maridos, esposas, filhos e netos também comovem. Apesar dos obstáculos que muito cedo conheceram, reconstruíram suas vidas.

Foram selecionadas 31 pessoas para a exposição – 30 judeus e 1 cigano –, sem que sejam esclarecidos os critérios das escolhas. A exposição, assim como o livro de Meyer, também faz uso de outras fontes tais como livros de memórias, autobiografias, documentários, relatórios (estes, em geral, feitos no imediato pós-guerra), entrevistas realizadas por outras pessoas. Trata-se de testemunhos registrados em diferentes momentos e conjunturas e veiculados em diversas mídias ao longo das décadas seguintes ao fim da guerra em vários meios.

Os personagens da exposição são judeus provenientes de pequenas cidades ou vilarejos do Leste europeu, tal qual no livro de Meyer. O único judeu deportado da Alemanha é Jürgen Loewenstein, o menino do cartaz da exposição. Entretanto, Jürgen pertencia a uma família pobre, recentemente emigrada do Leste, e, portanto, não assimilada à cultura germânica. Moravam em *Scheunenviertel*, em Berlim, bairro onde se concentravam os judeus nessas condições. O outro sobrevivente originário da Alemanha, de Frankfurt, é Herbert Adler, cigano. Em 1943, a família já havia sido levada para campos de internamento e submetida a trabalho forçado. Com 15 anos, foram todos deportados

4. Além deles, Meyer entrevistou Tadeusz Szymański, médico polonês, prisioneiro em Ravenbrück e Auschwitz, nascido em 1905. Depois da guerra, ajudou muitas pessoas que tentavam encontrar familiares sobreviventes; atuou no Memorial-museu de Auschwitz.

5. Cf. HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. United States. “Campos nazistas”. Holocaust Encyclopedia. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-camps> (acesso em 30/7/2022).

para Auschwitz-Birkenau II, chamado de “campo cigano”. Desde 1941, a família de Herbert já havia passado por outros campos. Em abril de 1945, a caminho para Dachau, vindo de Ravensbrück, o jovem foi libertado por soldados russos. Depois de ser enviado para um “abrigo temporário”, com 17 anos, voltou para Frankfurt, onde encontrou um tio, um irmão e uma irmã. Seus pais e quatro irmãos não sobreviveram. Herbert tornou-se membro honorário da diretoria do Conselho Central Alemão dos Sinti e Roma e se dedicou à construção, em Berlim, do Memorial aos Sinti e Roma assassinados no período da Alemanha nazista, inaugurado em 2012. Antes do término do memorial, faleceu em 2004.

Segundo Rebecca Clifford, historiadora que estuda as “vidas das crianças depois do Holocausto, subtítulo do seu livro (2020), a maior parte desses sobreviventes era de adolescentes (até 17 anos)⁶. Portanto, lembram da deportação e do campo. As crianças nascidas no campo ou ainda muito pequenas em 1945 lembram os anos de juventude e maturidade. Alguns, uma vez jovens ou adultos, empreenderam esforços na busca da mãe e do pai, ou seja, das suas origens e identidade:

“quando deixaram o campo, as famílias das crianças e adolescentes, em grande parte, haviam desaparecido e eles se encontravam sozinhos no mundo: ‘eles [os sobreviventes] contam sobre a busca por suas identidades reais, seus nomes e famílias, muitas vezes por décadas. Muitos deles não encontraram qualquer conexão com suas vidas antes de Auschwitz, seus locais de nascimento ou línguas nativas. Eles tiveram que se adaptar a novas vidas, que sempre permaneceram ‘depois de Auschwitz’” (Meyer).⁷

A memória dos cuidadores das crianças pequenas, em “lares provisórios”, orfanatos, e das famílias adotivas, em particular das mães, se incorpora na construção da memória delas. Tal memória aparece por meio das entrevistas com os sobreviventes ou em outros tipos de fontes usadas na exposição. Veem-se, assim, memórias individuais, herdadas, coletivas.

Não sendo historiador, Alwin Meyer não faz a crítica interna das fontes, procedimento da natureza da pesquisa histórica. Tampouco, chama a atenção para o fato de que as entrevistas produzidas por ele ou por outros, bem como os depoimentos registrados em outros tipos de fontes, se inscreveram em variados tempos, o que, por si só, já é objeto de análise. Não sendo alheio a seu tempo, um depoimento de 1978, ano da primeira entrevista de Meyer, provavelmente, não seria o mesmo se dado pela mesma pessoa em 2012, ano da última entrevista. Sobre o quê se silencia em certo momento pode vir à tona em outro e vice-versa. A memória, resultado da lembrança, do esquecimento e do silên-

6. Segundo Rebecca Clifford, a faixa etária dos sobreviventes “classificados” como crianças e jovens varia bastante desde a libertação até hoje. A historiadora adota a idade máxima dessa categoria 17 anos, critério que usarei neste artigo.

7. As citações foram tiradas dos textos da exposição. Também uso referências do livro de Meyer, indicando quando a citação estiver na publicação. Para informações sobre essa exposição temporária no site do Memorial da Resistência Alemã, ver <https://www.gdw-berlin.de/en/offers/exhibitions/exhibition/view-aus/vergiss-deinen-namen-nicht-die-kinder-von-auschwitz/>.

cio (Rouso, 1998) não é estática, como não são o mundo e os indivíduos. De toda forma, a exposição contou com o apoio do centro de documentação e pesquisa do Memorial da Resistência Alemã.

Escolhi trabalhar com a exposição e não com o livro de Meyer, porque me interessa compreender as construções das narrativas de temas ligados à Segunda Guerra Mundial em museus e memoriais criados em profusão, desde o pós-guerra em países ocupados e na Alemanha. Também quero valorizar o fato de ela ser feita no Memorial da Resistência Alemã, no *Bendlerblock*, onde, entre 1938 e 1945, funcionou o Alto Comando da *Wehrmacht*. Nesse conjunto de edificações ocorreu a última conspiração de oficiais militares para derrubar o regime. Trata-se, portanto, de um destacado *lugar de memória* (Nora, 1993) ou *espaços da recordação* (A. Assmann, 2011) do período em questão. Igualmente, chamo a atenção para os significados intrínsecos na escolha da temática particularmente sensível das crianças sobreviventes de Auschwitz para rememorar os 70 anos da libertação do campo.

Na leitura dos testemunhos dos sobreviventes, bem como daqueles que se ocuparam deles, a barbárie nazista se agiganta porque cometida contra recém-nascidos, bebês, crianças, adolescentes, jovens e mães e pais tentando proteger seus filhos. Entretanto, quero refletir sobre outra questão presente em vários depoimentos tanto da exposição como do livro de Meyer. Refiro-me às inúmeras situações características do que Primo Levi chamou de zona cinzenta. Formulada como conceito em *Afogados e sobreviventes* (1986), demonstrada em todo o seu testemunho sobre a vivência em Auschwitz, (*É isso um homem?* 1947), e após a libertação, na longa e penosa volta para casa, tal qual Ulisses de Tróia a Ítaca, em *A trégua* (1963).

A seguir, abordarei mais histórias de vida dessas crianças e adolescentes que, sobreviventes dos campos, terão que sobreviver sozinhos (em sua maioria) no mundo.

“Auschwitz nunca saiu deles”

A vivência em campo de concentração e extermínio marcou para sempre a vida das crianças e dos adolescentes sobreviventes. No antebraço, para os mais velhos, ou na coxa ou nas nádegas, para os demais, tiveram a numeração de prisioneiro tatuada. Por ironia da história, por meio dela em diversos casos, foi possível localizar familiares sobreviventes, identificando neles a sequência do número gravado nos corpos.

Quando da libertação de Auschwitz, em 27 de janeiro de 1945, havia no campo 416 crianças de até 13 anos e 234 entre 14 e 17 anos⁸. Debilitados, muitos foram le-

8. Não vou me ater aqui aos números das crianças e dos adolescentes sobreviventes de Auschwitz, em particular, nem dos demais números do genocídio, o que já foi feito (Hilberg, 2003). A exposição informa que 650 crianças e adolescentes sobreviveram a Auschwitz. Segundo o site do Museu-Memorial de Auschwitz consta que “os documentos disponíveis indicam que, pelo menos, 700 crianças nasceram em Auschwitz-Birkenau, incluindo as crianças ciganas; e havia cerca de 700 crianças e jovens prisioneiros, incluindo, 500 menores de 15 anos, que estavam no campo quando da libertação. Dentre eles, mais da metade era judeu.”

vados para hospitais e sanatórios para se recuperarem onde, por vezes, ficaram meses e mesmo anos. Outros encaminhados para lares provisórios em países, como Inglaterra e Irlanda. Outros mandados para lares e assentamentos (*moshavim*) na Palestina, como o de Ben Shemen, entre Tel Aviv e Jerusalém.

As crianças e adolescentes ouviam dos cuidadores o estímulo para começarem uma “vida nova”. Nadeshda Tkatschewa, deportada de Witebsk, na Bielorrússia, para Auschwitz, aos sete anos de idade, abrigada num lar provisório inglês, lembrou: “pessoas lamentavam por nós, mas eles não precisavam de nós. Se vivêssemos ou morrêssemos, não deixaríamos qualquer lacuna, qualquer falta. Nós não pertencemos a vocês e deveríamos ter morrido há tempo, como nossos pais”.

Aryeh Simon, diretor “por muito tempo” do assentamento de Ben Shemen, que havia recebido desde 1946 muitas crianças, em grande parte órfãos, testemunhou o drama desses sobreviventes na “vida depois de Auschwitz”:

“As crianças que chegavam aos nossos cuidados carregavam marcas do que sofreram em seus corpos e em suas almas. Nós fizemos todo o possível para ajudá-las a terem uma vida mais normal e feliz. Para o nosso espanto, descobrimos que algumas delas internamente se identificavam com a ideologia nazista. Eles não eram jovens perversos. Pensavam que o que suas breves vidas haviam ensinado poderia ser resumido em uma frase: ‘Ou você está no topo ou está no fundo, ou você ataca ou será atacado, ou você é o executor ou é a vítima.’ Para eles, essa lógica era simplesmente um fato.”

À medida que as crianças menores cresciam, elas se davam conta do que haviam perdido para além dos pais e das mães. Muitos eram órfãos e não sabiam nada sobre suas origens. Falavam numa “confusão de idiomas”. Nos depoimentos, uma constante é o fato de que, por longo tempo, depois da libertação, continuavam escondendo comida e pequenos objetos, que procuravam defender a todo custo. Relatos dos cuidadores atestam, para além da debilidade física, a mental, o “estado de caos emocional”: pesadelos, instabilidade de humor, agitação. Cedo tiveram que lidar com o “desaparecimento” de outras crianças com as quais conviveram nos barracões. Auschwitz permaneceu neles para sempre: “não importa para quão longe você corra, Auschwitz nunca deixa você e sua família”, sintetizou um dos sobreviventes.⁹

“Só não fique sozinho!” foi a orientação que muitos tiveram das famílias, aflitos com a perspectiva de morrerem deixando seus filhos abandonados num mundo destruído pela guerra. A partir de 1945, sozinhos, iniciou-se para muitos dos adolescentes e crianças maiores a busca por familiares. Mas “como crianças e jovens imaginaram encontrar suas origens em um mundo que por muito tempo não conheceram ou mesmo nunca conheceram?” Aqueles mais velhos, que tinham a lembrança da família e do lugar de onde partiram para os campos, voltaram para suas cidades, em busca de familiares sobreviventes, em busca de sua identidade. “Achar alguém da

.....
9. Na exposição, o autor da citação não foi identificado.

família!” Depois dos esforços para chegarem a suas cidades, pequenos vilarejos do Leste europeu, encontraram lugares devastados pela guerra, descobriram que a violência ultrapassava os limites dos campos. “Muitos deles acreditavam, no momento da libertação, que as pessoas os receberiam bem”. Ao baterem na porta de sua casa, ouviam: “o que você está fazendo aqui?” Encontravam estranhos que tomaram suas casas quando eles foram deportados, tratando-os com hostilidade. Encontraram um mundo devastado, física e moralmente.

Géza Schein narra o impacto da realidade: “As paredes do nosso apartamento ainda estavam de pé; não havia mais janelas nem mobília. Os vizinhos nos disseram quem havia levado tudo”. O mesmo ocorreu com Eduard Kornfeld. Ao chegar a um dos apartamentos da família, encontrou desconhecidos neles instalados. Não somente não deixaram o lugar nem o acolheram, o expulsaram. Tal situação se multiplica nos testemunhos. Em maio de 1945, as gêmeas de sete anos, Olga e Vera Grossmann, retornaram com sua mãe para sua pequena cidade no Leste da Eslováquia: “estranhos estavam morando na nossa casa e se recusaram a se mudar. Por fim, eles nos ameaçaram”. Olga e Vera foram usadas como cobaias por Mengele, médico associado, em suas memórias, aos procedimentos e experimentos como exames radiográficos e sanguíneos, injeções, etc. Ainda sobre a volta para casa, há o testemunho de Janek Mandelbaum:

“quando retornei pela primeira vez a Gdynia¹⁰, muitos lugares estavam em ruínas. O porto, o estaleiro, os rostos familiares, devastados. Desconhecidos estavam vivendo em nosso apartamento. Eles foram hostis, queriam que eu desaparecesse de novo imediatamente. Todos os nossos pertences haviam sumido. Eu nunca obtive nada de volta”.

Janek não encontrou os pais e os irmãos, mas localizou dois parentes também sobreviventes. Com o tio, emigrou para os EUA, em 1946.

É reconhecido o desinteresse generalizado das pessoas no pós-guerra em ouvir os relatos da experiência na deportação, nos campos, atestado em inúmeros depoimentos e memórias de sobreviventes de diversos países e origens sociais.¹¹ Com as crianças e adolescentes, a própria existência deles foi rejeitada em suas cidades. Voltavam em um contexto de fome e misérias sem fim, na esperança de recuperar o que era seu. Nessas várias histórias, se veem a convivência de tantos com o genocídio. A violência, que as crianças, adolescentes e jovens conheceram e da qual se libertaram, sobrevivia – como eles – ao fim da guerra. “Quem poderia imaginar que o mundo *outside* pudesse ser tão hostil?”, se perguntava Janek Mandelbaum. Inevitável aqui não se lembrar de Mordo Nahun, o grego imortalizado por Primo Levi, em *A trégua*, que lhe dizia “*la guerre est toujours*”.

10. Gdynia, cidade portuária na Pomerânia, Polônia, próxima a Gdansk.

11. O desinteresse em ouvir relatos das desgraças e sofrimentos vividos por sobreviventes de guerra também aparece em outros momentos históricos, como na Grande Guerra (1914-18). De volta do inferno das trincheiras, os ex-combatentes não encontraram quem estivesse disposto a ouvir suas vivências.

Apesar dos cuidados e acolhimento recebidos por organizações de diferentes países, mobilizando médicos, enfermeiras e famílias, é comum nos depoimentos o sentimento de desinteresse por eles. “Por que sobrevivi?” muitos se questionaram. “Seria muito melhor se tivéssemos morrido”. Tal sentimento é frequente entre sobreviventes de outras tantas tragédias históricas, sejam elas cometidas pelo ser humano ou pela natureza.

As crianças e jovens judeus da URSS ainda foram confrontados com a suspeita de colaboração. Ao retornarem a suas cidades foram vistos com desconfiança uma vez que poderiam ter servido de alguma forma à SS¹². Segundo se lê na exposição, “havendo dúvidas quanto a isso, foram classificados como traidores que trabalharam para os alemães”. Outros não puderam estudar nem trabalhar. Em meio a essa atmosfera de suspeição, o silêncio sobre a vivência nos campos, em particular, sobre o trabalho compulsório ao qual estiveram submetidos nos campos, se impôs.

Nadeshda Tkatschewa lembra: “Nós fomos [depois da guerra] olhados com suspeição pelos nossos próprios compatriotas [soviéticos], como se nós tivéssemos ido para o campo de concentração por nossa própria vontade”. Além do silêncio, muitos removeram a tatuagem do número de prisioneiro. A condição de sobrevivente os estigmatizava.

Alguns anos depois da guerra, sendo severamente repreendido pelas autoridades locais, Josif Konvoy chegou à sua cidade, na Lituânia. Como cidadão da URSS deveria ter retornado ao país imediatamente após a libertação do campo. Foi preso por dois dias e ameaçado de ser levado para campo de trabalho forçado no Cazaquistão ou na Sibéria, o que não ocorreu. Devido a tal suspeita, não conseguia trabalho até receber um conselho de um funcionário estatal: “se você quer um emprego, tem que deixar para lá essa coisa do campo e morar em outro lugar”. Calando-se sobre sua vivência e deixando a cidade natal, conseguiu trabalho.

Com 14 anos, Robert Büchler foi deportado de sua cidade na Eslováquia com a irmã, de 11 anos, e os pais, para Auschwitz-Birkenau. Somente Robert sobreviveu. Na chegada ao campo, foram recebidos por homens das SS segurando cães. Para espanto de todos, subiram no vagão “homens com roupas listradas”, onde havia um número e a Estrela de Davi. Eles ordenaram que saíssem do trem, deixando suas bagagens. Outro homem com a mesma veste estava na porta do vagão, “ajudando as pessoas a saírem”. Robert foi libertado em abril de 1945, na Floresta da Turíngia. Voltou sozinho para casa, em julho, na expectativa de que sua família tivesse sobrevivido e pudesse também retornar para casa. “Eu nunca mais soube nada sobre eles”.

Em abril de 1945, Dagmar Fantlová foi libertada em Bergen-Belsen. Com seu pai, sua mãe e a irmã de 11 anos eram de uma pequena cidade na Boêmia, então Tchecoslováquia, a 70 Km de Praga. Já haviam passado por Theresienstadt e Auschwitz-

.....

12. Os soviéticos que estavam na Alemanha em 1941, fazendo cursos ou outras atividades previstas no intercâmbio comercial e científico no âmbito do tratado de não agressão firmado entre Alemanha e URSS, em 1939, foram depois interrogados no estilo stalinista. Também perseguidos foram milhões de prisioneiros de guerra que se renderam logo em 1941, cerca de três milhões logo no primeiro mês da invasão alemã à URSS. Os que sobreviveram foram tratados como traidores.

-Birkenau. Neste campo, a mãe “logo se voluntariou para esvaziar os baldes das privadas. Se você fizesse isso, ganhava um pouco mais de sopa. Eu a ajudei várias vezes”. Quando chegaram a Auschwitz, tinha 15 anos. Dagmar conta como um funcionário do campo aumentou a sua idade num momento de *seleção* feita por Mengele para que ela ficasse no grupo de trabalho, escapando do gaseamento. Separada nesse momento dos pais, Dagmar manteve a esperança de a mãe se salvar ao se “voluntariar”, segundo suas palavras, para trabalhar.

Com tantas histórias trágicas, uma é particularmente impactante. É a história de Kola, um menino de cerca de dois ou três anos que foi resgatado de Auschwitz por um casal de poloneses, Emília e Adam Klimczy, moradores das redondezas poucos dias antes da libertação do campo já abandonado pelos alemães. Na exposição, a foto do pequeno menino em 1946, saudável, sorrindo e segurando um enorme guarda chuva, ganhou destaque. Emília narra que, em um barracão, encontrou prisioneiras polonesas que “tomavam conta” das crianças e chamaram a sua atenção para o menino que supunham se chamar Kola, como ele mesmo pronunciava. As cuidadoras não souberam dizer de onde ele veio, a idade, o nome de família. A criança correu na direção de Emília, estendeu as mãos e disse em polonês que queria a sua mãe. Emília, então, levou-o para casa: “como eu poderia recusar levá-lo comigo?” Kola falava uma mistura de russo, polonês e alemão: para se referir à comida, usava palavras russas; expressava sentimentos em russo e polonês, sendo que usava apenas o russo para palavras de carinho e no diminutivo; e “dava ordens” em alemão. A classificação inconsciente de idiomas estava calcada na experiência pessoal do menino.

Emília e Adam adotaram Kola. Como nos demais testemunhos, mesmo havendo comida suficiente no novo lar, quando ninguém estava vendo, escondia comida no bolso. Tinha pavor de ratos e tratores. No contexto do falecimento de um parente da família, o casal percebeu que Kola associava diretamente morte a assassinato. “Quem o matou?”, perguntou. Não compreendia como era possível ter morrido se não fora assassinado. Com 14 anos, Kola, queria saber sua origem. Seria polonês, russo? Não sabia sequer se era judeu ou apenas eslavo. Constantemente, ia até o campo de Auschwitz, já transformado em memorial, “visitava os barracões e andava por todo espaço como se pudesse encontrar ali alguma resposta para as suas perguntas”.

Em 1962, através de redes de ex-prisioneiros que tentavam localizar famílias que se haviam perdido na guerra, em particular, nos campos, Kola localizou uma senhora em Witebsk, Bielorrússia, então, URSS, que perdera seu filho Kolja – este era o nome do menino - cujo número tatuado sabia de cor. Algumas marcas de nascença confirmaram que Marusja Kozłowa, ex-prisioneira de Auschwitz-Birkenau, era sua mãe biológica. Com o apoio dos pais poloneses, Kola viajou para encontrá-la e obter as informações sobre sua identidade. Mas Kola encontrou uma estranha. Aos 19 anos, o conflito de identidade se renovava: quem seria sua mãe? A adotiva ou a biológica? Kola voltou para a Polônia, percebendo que esse país, no qual passara praticamente toda a vida, se tornara sua casa e o polonês, seu idioma. Retornava para os pais adoti-

vos que o acolheram e o ajudaram a retomar a sua vida. Kola lembra o drama de mama Kozłowa, como se referia à mãe biológica:

“Para ela foi uma amarga decepção. Ela chorou quando parti de volta para a Polônia. Agora, ela tinha me perdido pela segunda vez. Não havia conexões reais entre mim e a mulher que havia me dado a vida. Ela não possuía qualquer das características que eu havia imaginado para minha mãe. Ela parecia uma estranha para mim. Eu nem estava certo de que ela era a minha mãe de nascimento”, constatou o jovem, concluindo: “Por outro lado, eu não poderia imaginar nenhuma ligação emocional maior entre mãe e filho do que aquela com a minha mãe polonesa”.

Pode-se imaginar o sofrimento e a frustração de Marusja ao ver-se rejeitada pelo filho que perdera em Auschwitz. Kola escolheu ficar com a família Klimczy, o que não impediu de eles visitarem diversas vezes “mama Kozłowa”, assim como ela viajar à Polônia para encontrá-los. Kola Klimczy tornou-se arquiteto, morador de Cracóvia, onde projetou conjuntos habitacionais, escolas, lojas e centros de cuidados de crianças. Casou e teve uma filha. Dedicou-se ainda à pintura e à música. Kola morreu em 2002.

No depoimento de Géza Schein, que chegou a Auschwitz com a família aos 11 anos, temos mais informações de Emília e Adam Klimczy. De toda a família de Géza, originária de Csepel, próximo a Budapeste, apenas o menino e sua mãe sobreviveram. Seguindo a orientação de seu pai, quando desembarcaram no campo, declarou ter 15 anos, sendo, portanto, colocado no grupo dos que trabalhariam. O Géza trabalhou numa mina de carvão, em Brzeszcze, distante 13 Km do campo. “Civis poloneses também trabalharam na mina, abaixo do solo. Algumas mulheres preparavam comida para seus homens em uma cozinha comunal junto à mina de carvão, inclusive, Emília Klimczy, com o seu marido...”. No relato do episódio em que Emília resgatou Kola, ao menos no recorte do depoimento exposto na exposição, não consta a informação de que o casal de “civis”, como eram chamados os não prisioneiros trabalhadores nas atividades ligadas ao campo, pertencia a essa “categoria”. O visitante pode ser levado a presumir que, ao entrar no campo já abandonado pelos alemães e resgatar Kola, era a primeira vez que Emília e Adam entravam no campo. É na parte da exposição dedicada a Géza que a história se completa, inclusive com o testemunho de Emília: “No grupo da mina, havia um menino cuja prematura seriedade e tristeza chamaram a minha atenção. Eu decidi cuidar especialmente dele. Eu continuei alimentando os outros [meninos], mas para ele, eu trazia guloseimas especiais de casa”. Emília, além de alimentos, levava medicamentos para tratar as feridas que se abriam no corpo de Géza devido ao trabalho na mina. Géza, que não tinha informação sobre o paradeiro da mãe também presa, encontrou-a durante a “marcha da morte”. Ela vinha de outro campo. Ambos conseguiram voltar para casa.

Outro caso de criança resgatada por um casal polonês, logo após a libertação do campo e, em seguida, adotada, é Lidia, de 4 anos. A menina dizia que sua mãe se

chamava Anna e o pai, Lenard, e tinha um irmão, Michail. Quando perguntavam o seu nome de família, respondia algo compreendido como “Batjar”, que em polonês soava como “canalha” ou “vagabundo”. “A habilidade de Lidia de se expressar foi evoluindo com os anos. Mesmo assim, ela ainda usava nomes diferentes, mas o mais frequente era dizer que se chamava Lidia Baciárovna. Assim como Kola e tantas outras crianças sobreviventes, à medida que crescia, se perguntava sobre sua identidade, sua origem. Também nesse caso, a numeração da mulher encontrada revelou se tratar de mãe e filha, pois o seu número era imediatamente anterior ao de Lidia. A mulher se chamava Anna Botscharowa e vivia em Enaikievo, na Ucrânia, então, União Soviética. O nome original de Lidia era Ljudmila Botscharowa e nascera em 1940. O pai também sobrevivera e seu nome era Alexej. Lidia e seus pais adotivos viajaram até a URSS e foram recebidos “como um astronauta que acabara de voltar do espaço”. A notícia do encontro de mãe e filha foi veiculada em rádios, jornais, televisão, o que alimentou a esperança de muitos outros pais e mães reencontrarem seus filhos e filhos reencontrarem seus pais. Anna viu a filha pela última vez “em meados de janeiro de 1945”, portanto, pouco antes da libertação do campo, em 25 de janeiro. Na ocasião, disse à filha com grande ênfase: “Não se esqueça do seu nome, Botscharowa, não se esqueça que me chamo Anna e seu pai Alexej”. Lidia voltou para a Polônia com seus pais poloneses, mas, desde então, as famílias passaram a se visitar. Quando de seu depoimento, era viúva, morava em Cracóvia, tinha um filho que nascera justamente no ano em que localizou sua mãe, sua identidade, em 1962.

Ewa, como era chamada no campo, também foi resgatada por um casal polonês, de Oświęcim, Karolina e Józef Krcz. A menina tinha cerca de dois anos e estava muito debilitada física e psicologicamente. Os pais adotivos temiam que ela não se recuperasse, apesar de todos os cuidados. “Eu era tratada como criança, talvez mesmo melhor do que isso”, lembra Ewa. Com 16 anos, as questões “quem eu era? De onde vim?” eram fontes de angústia. Com a ajuda de Tadeusz Szymanski, médico, sobrevivente de Auschwitz e atuante nos esforços para promover o reencontro de famílias devastadas pela Shoah, através também da numeração tatuada, soube que chegou ao campo em maio de 1944, vinda da Hungria. Em 1962, foram divulgadas num jornal húngaro informações e fotos de Ewa Krcz, na tentativa de localizar algum sobrevivente da família. Mais de 50 cartas foram enviadas para Ewa, remetidas por pais e mães que haviam perdido seus filhos e alimentavam, então, a certeza de que, enfim, haviam encontrado a filha. Ewa viajou até a Hungria e foi recebida calorosamente por inúmeras famílias que se esforçavam para convencê-la – e a si mesmas – de que ela era a filha desaparecida, comparando suas características físicas com fotos de membros da família. Acreditar nesse reencontro da filha suscitava tanta felicidade que o fato de ser uma ilusão e não a realidade talvez ficasse até em segundo plano. Realizados testes de sangue, constatou-se, ao fim, que nenhuma das 20 pessoas podia ser seu pai ou sua mãe. Ewa, dentista, casada, mãe de três filhas, morava no Oeste da Polônia, quando deu seu depoimento, lembra a enorme decepção dela e dessas famílias.

Apesar da condenação à morte de judias grávidas, mulheres tiveram seus filhos em Auschwitz¹³. A médica Sima Vaismann, deportada do campo de trânsito de Drancy, próximo a Paris, em 1944, testemunhou alguns desses nascimentos. Tratava-se de mulheres que já estavam grávidas quando deportadas e, por certo tempo, conseguiram esconder a condição. Porém, naquele ambiente degradado, dificilmente, “os recém-nascidos tinham chance de sobreviver. Os médicos da SS e seus ajudantes tiravam os bebês das mães e os matavam”. Em Theresienstadt, os bebês não foram mortos, mas quando o campo foi fechado e os prisioneiros deportados para Auschwitz-Birkenau, eles tiveram o mesmo destino dos bebês dos demais campos. O mesmo ocorreu no setor de Auschwitz reservado aos ciganos, ou seja, a princípio as mães puderam ter seus filhos e mantê-los consigo. Eles chegaram a ser registrados e tatuados na coxa ou nas nádegas. Contudo, de acordo com o depoimento, datado de janeiro de 1946, de Marie-Claude Vaillant-Couturier, deportada para Auschwitz no começo de 1943, mesmo os bebês ciganos “raramente sobreviviam mais do que quatro ou cinco semanas”. Em agosto de 1944, o “campo dos ciganos” foi desativado e todos os sobreviventes (bebês, crianças, adultos) gaseados.

“O médico da SS Mengele selecionou a doutora-prisioneira Gisella Perl para montar um ‘departamento’ destinado a mulheres grávidas e para denunciar as mulheres grávidas para ele”, lemos na exposição. Gisella Perl, romena, nascida em 1907, no então Império Austro-Húngaro, publicou em 1948 o livro *I was a doctor in Auschwitz*. Na exposição lemos: “Ela fez isso [denunciou] apenas uma vez: ‘a mulher foi levada [denunciada] diretamente para o laboratório de Mengele, que chutou tantas vezes sua barriga até ela abortar”. Diante disso, e “visando a salvar pelo menos as vidas das mães, Gisella Perl se sentiu compelida a cumprir o amargo dever de realizar abortos. ‘Dependia de mim salvar as vidas das mães, se não houvesse outro jeito, destruir as vidas de seus bebês ainda não nascidos”. Com isso, “Gisella Perl sentiu-se como se estivesse ‘matando seus próprios filhos’, repetidamente, para salvar a vida de cada mãe, ‘ao menos por um tempo.’” Outra médica sobrevivente do campo, Lucie Adelsberger, em seu relatório sobre Auschwitz, escrito em Amsterdam (1946), narrou a situação igualmente: “nesses casos [em que a vida da mãe grávida corre perigo], era o que nós prisioneiros médicos fizemos. A criança era morta para preservar a vida da mãe”.

Outros testemunhos de médicas-prisioneiras (em geral, eram mulheres), que trabalharam em enfermarias, fazem parte da narrativa elaborada na exposição: “também sob ordem da SS e sem considerar o estágio da gravidez, abortos eram realizados em várias seções do campo”. Janina Kosciuzkowa, médica e prisioneira, relatou: “um dos transportes trouxe cerca de 100 grávidas. Elas foram admitidas na enfermaria [para prisioneiros doentes] onde, independentemente do estágio da gravidez, o saco amniótico era perfurado em todas as mulheres. Muitas delas morreram”.

Jiri e Zdenek Steiner, gêmeos nascidos em Praga, conheceram Mengele quando tinham 14 anos, e foram submetidos a “inúmeros procedimentos” (raio-X, exames de

.....
13. No livro de Alwin Meyer, há um capítulo dedicado aos nascimentos em Auschwitz.

sangue, etc.). Acreditam que foram salvos pelos “médicos judeus prisioneiros [que] garantiram que os exames continuassem indefinidamente. Muitos dos resultados das experiências eram perdidos, então, era preciso repetir tudo de novo. A documentação nunca estava completa. Assim, Mengele não poderia autorizar nossa execução”. Certo dia em que o médico não estava no campo, os meninos foram selecionados para a câmara de gás. Contam, contudo, que Mengele voltou à noite e “resgatou ‘seus gêmeos’”. Na exposição, lemos:

“Os médicos prisioneiros, oriundos de toda a Europa, sabiam exatamente o que era feito com os pares de gêmeos. Esses médicos eram forçados sob coação, pelo próprio Mengele muitas vezes, a atuar como assistentes em seus experimentos. Eles precisavam lidar com um dilema extremamente difícil: salvar a vida de outros ou tentar sobreviver; se manterem humanos ou fazerem ‘um pacto com o diabo’”.

Um dos médicos prisioneiros era o Dr. Miklós Nyiszli, da Romênia. “Ele deu o primeiro testemunho no final de 1945 e o depoimento foi registrado”. O médico, patologista renomado na Hungria, publicou suas memórias sobre o período em que foi assistente de Mengele (Rollemberg; Vainfas, 2022). A narrativa da exposição se refere a Nyiszli de maneira anódina, sem enveredar nas polêmicas em torno do seu testemunho, publicado como livro de memórias em 1946 (Nyisli, 1980). Apenas registra adiante: “Miklos Nyiszli viu e ouviu muitas coisas em Auschwitz-Birkenau”.

Com tantas histórias dramáticas, temos dessa vez a vitória de Anna Polschtschikowa, que deu à luz a seu filho Victor, em Auschwitz, em outubro de 1944, conseguiu salvá-lo e até amamentá-lo, assim como amamentou outros bebês. Anna testemunhou o assassinato de um bebê por “uma mulher gorda e saudável em um jaleco branco”, que injetou uma substância nele. Em seguida, Anna soube ser uma médica prisioneira.

Por fim, temos a história de Heinz Kounio, deportado aos 15 anos com a família, em março de 1943, vindo de Tessalônica, na Grécia. Em maio de 1945, ele e seu pai foram libertados em Ebensee, subcampo de Mauthausen, na Áustria. Foram mandados de volta para sua cidade onde, alguns meses após a chegada deles, receberam sua mãe e irmã também libertadas. Kounio publicou dois livros sobre a sua experiência. “Muito rapidamente observou que, para sobreviver, não deveria ‘considerar os outros prisioneiros. Tive que ser o mais insensível possível em relação aos sofrimentos de companheiros prisioneiros para me tornar um pouco ‘desumano’ eu mesmo’”. Assim, decidiu: “eu quero, eu preciso sair daqui com vida; eu senti um profundo compromisso: eu quero contar para as pessoas mais tarde o que eu experimentei e vi aqui”.

Considerações finais

Nos testemunhos dos sobreviventes que eram crianças, adolescentes ou jovens em 1945, os oficiais da SS estão sempre por perto e a eles é atribuída exclusivamente toda a função repressora. A solidariedade entre os prisioneiros prevalece no embate entre

vítimas e algozes. Os prisioneiros responsáveis por certas tarefas e funções, por vezes especializadas, as quais Levi chamou de “proeminentes”, bem como civis livres – em geral, poloneses que exerciam atividades remuneradas no campo – aproveitam suas condições para amenizar o sofrimento dos presos, ajudando-os como podiam. No relato *leviano* sobre o ambiente prisional, no entanto, a SS aparece pouco e a atribuição das atividades cotidianas do campo, em diferentes níveis, desde varrer o barracão até integrar os *comandos especiais* (*sonderkommando*), conformam a própria natureza do sistema concentracionário. Nisto reside a sua perversidade: as pouquíssimas condições de sobrevivência e o exercício de “condições especiais” se somam no projeto de genocídio e aniquilamento dos condenados pelo nazismo, imputando aos próprios prisioneiros o sofrimento e a morte dos demais.

Como dito acima, a exposição temporária do Memorial da Resistência Alemã, *Não esqueça seu nome. As crianças de Auschwitz*, teve o aval do setor de documentação e pesquisa do Memorial, dirigido pelo historiador Johannes Tuchel, num momento em que a historiografia interpreta o período descompromissada com tabus e interditos tão presentes nas primeiras décadas no pós-1945. Isso vale não somente para o tema da Resistência, mas para a historiografia do nacional socialismo, em geral. Com isso, as zonas cinzentas, ambiguidades e ambivalências vêm à tona. A percepção dos comportamentos individuais e coletivos, inscritos nesse amplo espaço de possibilidades de ação sob o domínio nazista, torna-se essencial para compreender o fenômeno. O *Bendlerblock*, que abriga o Memorial e abrigou a exposição temporária, é simbólico das zonas cinzentas, ambiguidades e ambivalências em que os oficiais militares envolvidos na Resistência transitaram (Müller, 1986 e 1987; Rollemberg, 2021). Foi sede do comando militar durante a guerra, assim como lugar de destaque da Resistência militar.

Tais comportamentos e situações da zona cinzenta surgem constantemente nos depoimentos, independentemente dos momentos históricos em que foram registrados, e são visíveis para o visitante familiarizado com o assunto e a obra de Primo Levi. Entretanto, eles estão eclipsados na memória dos que vivenciaram os genocídios (judaico e cigano), assim como dos que viveram a guerra e aparecem nos depoimentos da exposição como pessoas que assistiram às crianças e os adotaram. A mãe polonesa de Kola muito bem expõe a situação: trabalhava como civil no campo e salvou o menino, dando a ele a preciosa oportunidade de ter o amor maternal que lhe foi roubado.

A zona cinzenta vista por Primo Levi em toda a sua complexidade está nos comportamentos de médicos e enfermeiras que ofereceram seus serviços à SS ou foram por ela constrangidos a exercê-los. O notório caso do Dr. Miklos Nyiszli passa quase despercebido, segundo uma narrativa anódina que contorna a questão tão polêmica como fundamental. Como destacou Levi, não se trata em absoluto de julgar os comportamentos da zona cinzenta. Ninguém deveria sequer ousar julgá-los. Aliás, ao historiador não cabe julgamentos seja qual for o assunto e a época abordados. O que está em jogo para o historiador é a produção do conhecimento sobre o passado. Em Levi, importa testemunhar o que viu e viveu num universo em que não coube a redutora dicotomia vítimas *versus* algozes.

Os ex-prisioneiros sobreviventes viram e, por vezes, viveram a zona cinzenta, sem, contudo, a enxergarem. Ela abarca não somente suas vivências, mas também as experiências dos que os ajudaram. Por fim, diz respeito igualmente aos que os rejeitaram e se aproveitaram da situação, coniventes, portanto, com o genocídio. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação. Formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.
- CLIFFORD, Rebecca. *Survivors. Children's lives after the Holocaust*. New Haven and London: Yale University Press, 2020.
- HILBERG, Raul. *The destruction of the European Jews*. Yale: Yale University Press, 2003.
- HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. United States. "Campos nazistas". *Holocaust Encyclopedia*. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-camps> (acesso em 30/7/2022).
- LABORIE, Pierre. Os franceses do pensar-duplo. In: ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Vol. 1. Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi: Memória/História*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1982.
- LEVI, Primo. *É isso um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- _____. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *La zone grise*. Entretien avec Anna Bravo et Federico Cereja. Paris: Manuels Payoy, 2014.
- MARTINS, Estevão de Rezende. O enigma do passado: construção social da memória histórica. *Textos de história*. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB. Brasília: vol. 15, n.1/2, 2007.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Nova Série, n.1, 1993, p. 207-222.
- _____. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Nova série, v. 2, p. 9-42, 1994.
- MEYER, Alwin. *Vergiss deinen Namen nicht*. Die Kinder von Auschwitz. Göttingen: Steidl Verlag, 2015.
- _____. *Never forget your name*. The children of Auschwitz. Trad. Nick Somers. Cambridge: Polity Press, 2022.
- MÜLLER, Klaus-Jünger. La Résistance allemande au régime nazi. L'historiographie en République Fédérale. *Vingtième Siècle*. Revue d'histoire, Paris, n°11, jul-set. 1986. p. 91-106.
- _____. *The Army, Politics and Society in Germany, 1933-1945*. *Studies in the Army's Relation to Nazism*, Manchester, Manchester University Press, 1987.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: n° 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NYISZLI, Miklos. *Médico em Auschwitz*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.
- REICHEL, Peter. *L'Allemagne et sa mémoire*. Paris: Odile Jacob, 1998.
- ROLLEMBERG, Denise. *Resistência*. Memória da ocupação nazista na França e na Itália. São Paulo: Alameda, 2016.
- _____. *Valquírias*. Memórias da Resistência alemã ao nazismo. Niterói: Ed.UFF, 2021.
- ROLLEMBERG, Denise; VAINFAS, Ronaldo. Memorialística e historiografia: a narrativa de um médico judeu-húngaro sobrevivente de Auschwitz. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*. Bogotá: vol. 49, n° 1, ene-jun, 2022, p. 325-356.
- ROUSSO, H. *La hantise du passé*. Paris, Textuel, 1998.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura*. O testemunho na Era das catástrofes. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.
- _____. Narrar o trauma. A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*. Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: vol. 20, n. 1, pp.65-82, 2008.
- TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la Mémoire*. Paris: Arléa, 2004.